

Lula volta à ONU com crítica a Conselho e a desigualdade



O presidente Lula discursa na abertura da Assembleia-Geral da ONU, em Nova York. Ricardo Stuckert/Presidência da República

# De volta à ONU, Lula faz discurso sobre desigualdade e Conselho de Segurança

Presidente retorna à Assembleia-Geral com foco em multilateralismo, ambiente e liberdade de imprensa

Fernanda Perrin

NOVA YORK O presidente Lula abriu a Assembleia-Geral das Nações Unidas nesta terça-feira (19) com um discurso de 21 minutos focado em desigualdade e com o retorno da demanda histórica do Itamaraty de uma reforma no Conselho de Segurança, incluindo críticas incisivas à dinâmica atual do sistema internacional. O petista voltou ao principal palco global após mais de dez anos repetindo temas centrais de suas primeiras participações no fórum — o combate à desigualdade e à fome, a defesa do diálogo para alcançar a paz e o apelo por maior representatividade do chamado Sul Global, que reúne países em desenvolvimento.

A participação do Brasil neste ano marca a retomada da orientação internacionalista da diplomacia brasileira após quatro anos de isolamento durante o governo de Jair Bolsonaro (PL). Com indiretas ao adversário político, Lula foi bastante aplaudido ao estabelecer diferenças ante o antecessor.

Lula começou prestando homenagem ao diplomata Sérgio Vieira de Mello, morto no Iraque há 20 anos. Tam-

bém prestou condolências às vítimas do terremoto no Marrocos e das tempestades na Líbia e no Rio Grande do Sul para, em seguida, falar sobre a crise climática e a desigualdade, um dos temas centrais de seu discurso. “Hoje, ela [a crise climática] bate às nossas portas, destrói nossas casas, nossas cidades, nossos países, mata e impõe perdas e sofrimentos a nossos irmãos, sobretudo os mais pobres”, disse.

Ele lembrou que, há 20 anos, a fome foi um tema central de seu discurso e que a pertinência do tema não mudou. “O mundo está cada vez mais desigual”, afirmou. “É preciso, antes de tudo, vencer a resignação que nos faz aceitar tamanha injustiça como fenômeno natural. Para vencer a desigualdade, falta vontade política daqueles que governam o mundo.”

O presidente voltou a apontar que os países mais ricos se desenvolveram com base em um modelo poluente, mas que os emergentes não querem repetir essa fórmula. “Agir contra a mudança do clima implica pensar no amanhã e enfrentar desigualdades históricas.” Mencionando a matriz energética brasileira, a qual cha-

mou de “uma das mais limpas do mundo”, Lula disse que o país retomou ações de fiscalização e combate a crimes ambientais. “O mundo inteiro sempre falou da Amazônia, agora é a Amazônia que está falando por si mesma.”

O presidente brasileiro fez ainda um apelo pela liberdade de imprensa. Chamando Julian Assange de jornalista, declarou que o fundador do Wikileaks “não pode ser punido por informar a sociedade de maneira transparente e legítima”. “Nossa luta é contra a desinformação e os crimes cibernéticos.”

Aplaudido ao repetir que “o Brasil está de volta”, o petista disse que estava ali porque a democracia venceu em seu país. “O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, nossa região, o mundo e o multilateralismo.”

“Nosso país está de volta para dar sua devida contribuição ao enfrentamento dos principais desafios globais. Resgatamos o universalismo da nossa política externa, marcada por diálogo e respeito com todos”, afirmou. Lula apontou, no entanto, que as principais instâncias de governança global perde-

ram fôlego. “Quando as instituições reproduzem as desigualdades, elas fazem parte do problema, não da solução.” Um dos alvos da crítica de Lula foi o FMI (Fundo Monetário Internacional). O presidente apontou que a instituição emprestou no ano passado US\$ 160 bilhões a países europeus e apenas US\$ 34 bilhões para africanos e chamou de inaceitável a representação desigual do fundo e do Banco Mundial, em que países que contribuem com mais recursos têm maior peso de voto.

Com a fala, o petista reforça a pressão por uma reforma dessas instituições. Abandêira foi abraçada também pelos EUA, que vem nelas um instrumento para competir com a China — o gigante asiático tem usado o financiamento a países em desenvolvimento como forma de obter influência.

Lula enfatizou a emergência de outros espaços multilaterais para além da ONU, pano de fundo de uma conferência esvaziada neste ano em Nova York. “O Brics surgiu na esteira desse imobilismo e constitui uma plataforma estratégica para promover a cooperação entre países emergentes.”

Lula mais uma vez defen-

“**Nosso país está de volta para dar sua devida contribuição ao enfrentamento dos principais desafios globais**”

**Quando as instituições reproduzem as desigualdades, elas fazem parte do problema, não da solução**

**O mundo inteiro sempre falou da Amazônia, agora é a Amazônia que está falando por si mesma**

**Lula** em discurso na abertura da Assembleia-Geral da ONU

deu o diálogo como ferramenta para alcançar a paz. Antes de citar a Guerra da Ucrânia, ele elencou uma série de outros conflitos, como a questão israelo-palestina, a crise humanitária no Haiti e as recentes rupturas institucionais em países africanos como Mali, Níger e Sudão.

“A guerra na Ucrânia escancara nossa incapacidade coletiva de fazer prevalecer os propósitos e princípios da carta da ONU. Não subestimamos as dificuldades para alcançar a paz. Mas nenhuma solução será duradoura se não for baseada no diálogo. Tenho reiterado que é preciso trabalhar para criar espaços para negociações. Investe-se muito em armamento e pouco em desenvolvimento”, afirmou, dando nova roupagem a declarações controversas que já deu a respeito do conflito no Leste Europeu.

Lula ainda voltou a criticar as sanções à Cuba, à semelhança do que já havia feito na cúpula do G77 em Havana. Em contraste com a delegação brasileira do ano passado, diversas pessoas foram até a bancada brasileira para cumprimentar Lula no intervalo após o discurso do americano Joe Biden, que o sucedeu. O brasileiro tirou fotos e abraçou outros participantes da Assembleia.

Antes de Lula, o secretário-geral da ONU, António Guterres, com quem o presidente se encontrou na manhã desta terça, discursou. O português também defendeu uma reforma do Conselho de Segurança, pauta histórica do Itamaraty.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 11